



PROFESSOR/CONTADOR DE HISTÓRIAS BUSCANDO POSSIBILIDADES PARA UMA APRENDIZAGEM LÚDICA

Glauccimar Carlos SANCHES¹

Franchys Marizethe Nascimento Santana FERREIRA²

RESUMO

Esta pesquisa tem o objetivo destacar a relevância da contação de histórias, como atividade lúdica, no processo de construção e desenvolvimento da criança desde a mais tenra idade, ampliando sua imaginação e auxiliando organizar sua oralidade. Ressalta-se os aspectos contributivos na formação do futuro leitor, incentivando a promovendo melhorias no processo ensinar/aprender. Pontuamos sobre a importância de o educador utilizar como metodologia a arte de contar histórias tendo como recursos inúmeros aparatos que podem dinamizar o momento da contação. Enquanto aporte teórico apresenta-se considerações de Abramovich (2004); Amaral (2002); Carvalho (2014); dentre outros. Constatamos que as metodologias quanto inseridas de forma harmoniosa e com os objetivos definidos contribuem significativamente na formação de um leitor crítico e autônomo, possibilitando que suas aulas sejam mais dinâmicas e significativas.

Palavras-chave: Literatura infantil. Desenvolvimento infantil. Recursos.

ABSTRACT

This research aims to highlight the importance of storytelling, common play activity in the construction and development of the child from an early age, expanding their imagination and helping organize their morality. We emphasize the contributory aspects in shaping the future reader, encouraging the promoting process improvements to teach / learn. We pointed to the importance of the educator to use as methodology to storytelling resources as having numerous devices that can streamline the time of storytelling. While theoretical contribution introduce yourself considerations Abramovich (2004); Amaral (2002); Carvalho (2014); among others. We note that the methodologies as inserted smoothly and with defined objectives contribute significantly in the formation of a critical and autonomous reader, enabling their classes are more dynamic and significates.

Keywords: Children's Literature. Child Development. Resources.

¹ Administrativo na Secretaria de Estado de Educação, Formado em Pedagogia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Especialista em Educação Infantil (UFMS) e Psicopedagogia pela Universidade da Grande Dourados (UNIGRAN). E-mail: glaucci73@hotmail.com

² Professora Doutora, efetiva, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/Campus de Aquidauana /MS. Coordenadora do Laboratório de Artes e Culturas Lúdicas na Diversidade. Coordenadora da linha de Pesquisa Arte e Ludicidade do GEPFIP. E-mail: fanchys.santanana@hotmail.com



1 INTRODUÇÃO

Definir o conceito de Literatura não é uma tarefa tão simples, pois sendo uma arte possui várias definições, dependendo da visão que cada autor ou leitor tenha sobre ela, existindo assim, vários pontos comuns e pontos distintos. De acordo com Terra apud Veríssimo (2004, p. 233) “Literatura é arte literária. Somente o escrito com o propósito ou a intenção dessa arte, isto é, com artifícios de invenção e de composição que a constituem, é, a meu ver, literatura”. Para este autor a literatura é definida como uma arte específica, tendo como matéria prima a palavra.

Mas como em qualquer outra arte, a literatura tem como objetivo comunicar-se com os indivíduos. Sempre nas obras literárias dentro de cada conceito existe uma mensagem que o autor quer passar para seus leitores, ou seja, há uma comunicação entre leitor e autor. Essa comunicação acontece em qualquer manifestação artística, seja cinema, teatro, música, etc. Se observarmos com atenção, em toda obra literária existe uma postura do autor diante das realidades sociais, culturais, como já citado anteriormente sempre à uma “mensagem” exposta em cada obra literária.

E Literatura Infantil? Qual seria o conceito para a sua definição? De acordo com Alves (2004, p. 2) “O conceito de Literatura Infantil é bastante discutido entre os estudiosos do assunto. Há aqueles que definem que é objeto escolhido pelo seu próprio leitor, outros que é o agente transformador da sociedade [...]”. Existem também pontos divergentes entre as definições da Literatura Infantil, como se pode perceber na citação acima. E em muitos casos torna-se menosprezada pelo fato de ser infantil.

Para Oliveira (2005),

A palavra literatura é intransitiva e, independente do adjetivo que receba a arte e deleite. Sendo assim, o termo infantil associado à literatura não significa que ela tenha sido feita necessariamente para crianças. Na verdade, a literatura infantil acaba sendo aquele que corresponde, de alguma forma, aos anseios do leitor e que se identifique com ele. (OLIVEIRA, 2005, p. 6).

Observa-se que o termo infantil associado à literatura não a faz menos importante, pois além de levar a reflexão ao pequeno leitor, também faz com que os adultos se encantem.

Percebe-se que o conceito da Literatura Infantil também é divergente entre os diversos autores desta área. Observamos que cada um deles a define de acordo com



diferentes pressupostos, ou seja, de acordo com a visão e a ideia que cada um formula sobre o conceito da arte literária para crianças.

Portanto, por maior que seja uma pesquisa científica é difícil definir um único e verdadeiro conceito para Literatura, pois a mesma é uma arte. E arte, como já mencionamos, possui muitas definições.

2 A HISTÓRIA DA LITERATURA INFANTIL

Os primeiros escritos voltados para o público infantil surgiram no fim do século XVII e durante o século XVIII, pois a partir desse período a sociedade direcionava-se para um novo “rumo”. Surgia então uma nova concepção de criança e família era o início da idade moderna. Para Kieckhoefel (2002 p. 4) “A idade moderna provocou inúmeras transformações na cultura e na organização escolar [...] com a desestruturação da família burguesa, [...] surgiu a estrutura uni familiar privada”. Nesse novo período surgiram mudanças que promoveram uma preocupação em relação a Literatura Infantil, pois antes, as próprias crianças eram vistas como adultos “pequenos”.

Esse novo ideal familiar mantinha vínculos afetivos mais fortes entre seus membros. Somente depois dessa mudança de concepção é que se começou a pensar numa literatura para crianças, pois até então elas eram vistas como adultas em miniaturas. (KIECKHOEFEL, 2002, p. 4).

O autor afirma que não havia uma preocupação em se despertar o imaginário das crianças, muito menos com a Literatura Infantil. Somente a partir deste novo período é que começou a “engatinhar” a literatura para crianças. Porém, essas primeiras “obras literárias” feitas para o público infantil foram escritas por educadores da época e traziam em seu contexto, um estilo totalmente educativo moralista, com o intuito de inculcar nos leitores a moral e os bons costumes para uma convivência “correta” na sociedade da época. Segundo Lajolo e Zilberman (2003) a primeira metade do século XVIII começaram a serem publicadas as obras visando o público infantil. Surgindo assim grandes nomes e histórias que foram “sobrevivendo” no tempo. Nomes como: La Fontaine (As fábulas, 1668-1694); Fénelon (As aventuras de Telêmaco, 1717); Charles Perrault (Contos da Mãe Gansa, 1697); Jonathan Swift (A viagem de Gulliver, 1726); Denfoe (Robson Crusoe, 1719). Esses autores e suas obras foram o marco inicial para a origem da Literatura Infantil.



As autoras ainda afirmam que com a chegada do século XIX aparecem novos grandes nomes e obras infantis. Neste período surgem literalmente os “famosos” contos de fada, pois na tradição oral, as histórias que haviam, ainda não tinham toda a sua temática e o seu contexto voltado ao público infantil”. Foram os irmãos James e Willams Grim que as dedicaram totalmente às crianças e passaram a ser sinônimos de Literatura Infantil, fazendo habitat no imaginário das crianças. Outros autores como: Hans Christian Andersen (1833); Lewis Carroll (Alice no país das maravilhas, 1833); Callodi (Pinóquio, 1883); James Barrie (Peter Pan, 1911), também deram sua importante contribuição para a Literatura Infantil.

Com esses autores e dentre tantos outros foi que “nasceu” a Literatura Infantil europeia, que veio a repercutir os seus resultados em todo mundo. No Brasil a Literatura Infantil só veio surgir no século XX. Segundo Lajolo e Zilberman (2003, p. 23) “Com a implantação da imprensa Régia, que inicia oficialmente, em 1808, a atividade editorial no Brasil começou a publicar-se livros para crianças [...]”.

Porém, essas produções ainda não caracterizavam uma Literatura Infantil brasileira. No final do século XIX, começaram a circular no mercado brasileiro os livros das adaptações e traduções das obras europeias, nomes que ficaram famosos com essas traduções foram Carlos Jansen e Figueiredo Pimentel. Nesse período as histórias clássicas de Grim, Perrault e Andersen são adaptadas e publicadas pela livraria Quaresma, com os nomes de Contos da Carochinha (1894), Histórias da avozinha (1896) e Histórias da baratinha (1896).

Mas ainda faltava um “ponto” para afirmar que era o início da Literatura Infantil brasileira. No ano de 1917, houve um grande avanço, com as produções de Thales de Andrade. Mas foi somente em 1921 que no Brasil teve o seu marco referencial para o início de uma Literatura Infantil puramente brasileira, com o lançamento da obra “Narizinho Arrebitado” de Monteiro Lobato. Para Abramovich (2003, p. 01). “Dotado de grande senso de humor, crítico irreverente do mundo, conhecedor da história e da geografia inventiva, fascinado pelos mitos gregos e admirador dos contos de fada, fez com que todos convivessem no preguiçoso sítio [...]”.



Figura 1 – Livro Reinações de Narizinho



Fonte: WIKIPÉDIA, 2009.

Com toda a irreverência e a criatividade de Monteiro Lobato, preocupado com uma linguagem que realmente interessasse as crianças, a Literatura Infantil brasileira começou a expandir-se por todo o país, e seguindo a mesma linha de Lobato, muitos outros autores vão surgindo. No Final da década de 1960 dois nomes deram uma grande contribuição os quais foram Edy Lima e João Carlos Marinho, com as obras a Vaca voadora e o Caneco de prata. Com a ditadura e o moralismo característico do período a Literatura infantil passa por um período oscilante. (ABRAMOVICH, 2002).

A revista *Recreio* nos anos 1970, relacionada à Literatura Infantil recomeçou com força total. Sob a coordenação de Ruth Rocha era publicada semanalmente e sempre trazia uma história nova de algum autor iniciante. Para Alves (2003, p. 04) “foi um período efervescente. Ilustradores preocupados com a linguagem infantil, autores narrando peripécias de crianças, adultos medroso, bichos e personagens saídos do folclore.”

Esse período foi marcante, pois surgiram vários escritores infantis, trazendo novas ideias, dentre eles os nomes de Ana Maria Machado, com destaque para suas obras (*Bia, Bisa, Bel*) e (*Mãe com medo de lagartixa*). Outro importante nome foi Joel Rufino dos Santos, que tinha como referencial os mitos e as lendas as quais contava de forma particularmente sua.

Dentre tantos outros nomes surgiu também nesse período Viviane de Assis Viana que contribui com a literatura escrevendo obras como (*O dia de ver meu pai*). Outro nome que na mesma época foi destacado e acabou se transformando num ícone da Literatura Infantil e Juvenil contemporânea foi Ziraldo com sua obra “*Menino Maluquinho*”.

Portanto, percebemos como a Literatura Infantil vem se “desenrolando” nos



diversos períodos da história, desde o século XVII, e como ela vem se tornando um grande recurso, “rico” em textos para auxiliar as crianças na aquisição da leitura e desenvolverem o senso crítico. Cabe aos pais e aos educadores desenvolverem com as crianças métodos que tornaram o hábito de ler uma ação prazerosa.

3 A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A contação de histórias, ou seja, a arte de contar histórias existe desde a antiguidade, onde nas culturas mais tradicionais chegava a ser uma forma de comunicação e tinha como principal função difundir e armazenar os conhecimentos e os valores de cada época, sempre associando os relatos míticos, contos e lendas a vida cotidiana dos indivíduos. De acordo com Lubba (2006, p. 01) “ouvir uma historia, contá-la e recontá-la durante muitos anos, foi a maneira de preservar valores e a coesão de uma determinada comunidade”.

Acompanhando a própria evolução da humanidade a arte de contar histórias vem sobrevivendo com o tempo, passando de geração em geração e se tornando hoje um importante recurso nas escolas para que o professor possa desenvolver com seus alunos o gosto pela leitura e resgatar o valor da Literatura Infantil. Segundo Tahan (1961, p. 21) “a criança, o adulto, o rico, o pobre, todos, enfim, ouvem com prazer as histórias - uma vez que essas histórias sejam interessantes, tenham vida e possam cativar a atenção”.

As histórias infantis contribuem fundamentalmente na formação do indivíduo. Tornando-os críticos, participativos e capazes de tomar suas próprias decisões. Por isso a importância do professor trabalhar com seus alunos a arte de contar histórias, além de ser um método eficaz e prazeroso recreativo e dinâmico contribui fundamentalmente para aquisição de atitudes e valores necessários para a convivência na sociedade.

Entretanto, para que o professor/contador de histórias tenha sucesso em sua aula é fundamental um planejamento para que o mesmo alcance os objetivos desejados.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (1997, p. 58) “para tornar os alunos bons leitores – para desenvolver, muito mais do que capacidade de ler, o gosto e o compromisso com a leitura, a escola terá de mobilizá-los internamente, pois aprender a ler (e também ler para aprender) requer esforços”. (BRASIL, 1997, p. 58).

Os professores precisam trabalhar com seus alunos os textos da Literatura



Infantil, incentivando assim o hábito de leitura no dia a dia para que se possa ter indivíduos críticos na sociedade contemporânea. Além de auxiliarem o aluno para aquisição da leitura as histórias infantis “conduzem” a criança para um aprendizado atraente, recreativo e significativo.

Tahan (1961, p. 75) relata que

uma história infantil tem diversos objetivos e finalidades, como: educar, instruir, preparar a criança para certa atividade, desviá-la de uma corrente má de pensamentos, confortá-la (caso esteja doente) torná-la otimista para a vida, atender o psiquismo infantil e além de tudo desenvolver a criticidade e a imaginação. (TAHAN, 1961, p. 75).

Abramovich (1989, p.16) afirma “Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias [...]. Escutá-la é o início da aprendizagem para ser um leitor e ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo”. A contação histórias é necessária na metodologia de cada professor para incentivar a leitura nos educandos.

Trabalhando com histórias de forma atrativa o professor perceberá algumas emoções nos alunos e com isso pode auxiliá-lo se houver alguma necessidade. Por isso Abramovich (1989, p. 17) nos relata “É ouvindo histórias que pode sentir também emoções importantes, como tristeza, raiva, irritação, medo, alegria, insegurança, [...] é viver profundamente tudo que as narrativas provocam em quem as ouve [...]”.

Em primeiro momento o contador de histórias precisa conhecer a “clientela” com que vai trabalhar, conhecer muito bem a história que vai contar e outro fator primordial é gostar muito do que está fazendo, principalmente da história que vai contar. De acordo com Alves (2002, p. 14) “a história é o mesmo que um quadro artístico ou uma bonita peça musical: não podemos descrevê-lo ou executá-los bem se não o apreciarmos.” Se a história ou a própria Literatura infantil não nos desperta a sensibilidade e a emoção não iremos transmiti-la com o sucesso desejado, por isso ser fundamental o professor ou o contador de histórias gostar do que está fazendo.

Para se obter todos os objetivos desejados com a contação de histórias é necessário também saber o interesse que predomina em cada faixa etária.

Normalmente uma história corretamente trabalhada agrada a todos, entretanto, é preciso respeitar as peculiaridades de cada idade. Silva (2002, p. 15) nos diz que “a história é um alimento da imaginação da criança e precisa ser dosada conforme sua estrutura cerebral”.



Silva (2002), nos mostra um quadro de interesse, que nos possibilita uma análise:

Quadro 1 – Faixa etária e interesses

Pré-escolares	Até 03 anos fase pré-mágica	<ul style="list-style-type: none">• Historias de bichinhos brinquedos, objetos, seres da natureza (humanizados) historias de crianças.▪ Histórias de repetição (dona Baratinha a formiguinha e a neve, etc.)▪ Historias de fada
	3 a 6 anos fase mágica	
Escolares	7 anos	<ul style="list-style-type: none">▪ Historias de crianças, animais e encantamentos.▪ Aventuras no ambiente próximo: família, comunidade.▪ Histórias de fadas
	8 anos	<ul style="list-style-type: none">▪ Histórias de fadas com enredos mais elaborados▪ Histórias humorísticas
	9 anos	<ul style="list-style-type: none">▪ Histórias de fada▪ Histórias vinculadas a realidade
	10 anos em diante	<ul style="list-style-type: none">▪ Aventuras, narrativas de viagens, exploração, invenções▪ Fabulas, mitos, e lendas

Fonte: SILVA, 2002.

Verificando no quadro de faixa etária é interessante observamos que o professor/contador de histórias precisa fazer uma sondagem da clientela para qual ele vai contar a sua história, para que assim haja interesses do público pela história e pelo próprio contador, que aliás precisa seguir uma série de orientações para que sua narrativa tenha um bom êxito.

O contador de histórias precisa antes de tudo transmitir certa intimidade com a história como se estivesse vivenciando-a, isso torna o momento mais agradável e proporciona uma participação mais positiva do público. Antes da narrativa, o narrador precisa conhecer o local, informar-se da clientela prevista, número e idade dos



espectadores, isso quando for em um ambiente diferente do habitual. É fundamental saber a quem e onde será contada essa história. Para Silva (2002, p. 51) “o contador precisa ter intensidade, com um timbre de voz variável para a distância de quem fala para quem ouve e também variando conforme as emoções surgidas durante a narrativa”.

Clareza com boa dicção e linguagem evitando repetições desnecessárias, ou “tiques” de linguagem (então, né, ai, etc.). Conhecimento; o narrador precisa se aprofundar nos estudos da Literatura Infantil, folclore e principalmente gostar do que faz, se divertir tanto quanto ensina.

Tahan (1961, p. 35) também complementa com outras características básicas para o contador de histórias:

cativar o auditório logo no primeiro momento da história, conhecer com absoluta segurança o enredo da história, narrar com naturalidade, falar com voz clara e agradável, evitar gestos exagerados, pois o exagero pode tirar a atenção dos ouvintes e prejudicar a ‘mensagem’ que se deseja passar. (TAHAN, 1961, p. 35).

Ao narrarmos uma história, devemos ainda observar o seguinte: não exagerar, nem narrá-la com preensões teatrais, que distrairia a atenção da criança que acabaria se interessando mais pela técnica do contador de histórias do que propriamente pelo conteúdo. (TAHAN, 1961, p. 38).

Sendo assim, torna-se relevante o contador tomar cuidado com os gestos teatrais exagerados, para prejudicar o enredo e o contexto da história. O autor também destaca sobre o fato do contador dispensar aos espectadores a atenção necessária e não concentrar sua atenção apenas a um seletivo grupo. Tahan (1961, p. 49) ressalta: “Sorrir para todos, interessar-se por todos, falar e contar para todos e não ter na classe um ouvinte predileto”. Nunca o contador, ou mesmo o professor pode direcionar sua história a um único grupo e sim para toda a sua plateia.

Portanto, percebemos que o contador de história precisa de um bom planejamento para que sua história tenha sucesso, porém o principal para tudo o que se vai realizar é estar seguro e gostar do que está fazendo e obviamente usar de todos os recursos para que a contação das histórias sejam repletas de “magia” e alegria.

4 RECURSOS UTILIZADOS PARA CONTAR HISTÓRIAS

A arte de contar histórias é fundamental para aquisição da leitura, para formação de valores e também para incentivar a imaginação e promover momentos de



descontração e alegria, é verdadeiramente o “aprendendo brincando”. No entanto, para se concretizar qualquer projeto, plano de ensino ou plano de aula precisa-se de recursos, tanto os humanos como os materiais, esses recursos são “peças” fundamentais para sucesso dos planos e projetos.

Na arte de contar histórias existem vários tipos de recursos, desde os mais sofisticados, aos mais simples e improvisados, isso dependerá da realidade onde se encontra o professor/contador de histórias. Vejamos alguns selecionados:

Figura 2 – Fantoques de espuma



Fonte: ELABORADO PELOS AUTORES, 2009.

Os fantoches são bonecos que se manipulam, geralmente feitos de meia, espuma e dos mais variados tipos de materiais. Na arte de contar histórias são atrativos para todas as idades deixando as crianças com a sua atenção voltada para ao enredo, ajudando a desenvolver a criatividade e a imaginação.

As crianças na educação infantil precisam ser estimuladas, uma das formas mais usadas é contar histórias através de fantoches. A utilização de fantoches na sala de aula é um grande auxílio na concentração dos e também para passar mensagens de virtudes, o que devem ou não fazer, como nos comportar, os cuidados que devemos ter com nossa saúde e com meio ambiente, entre outros. Mensagem de formação de personalidade e caráter que eles levarão para a vida adulta. (CARVALHO, 2014, p. 3).

De maneira lúdica com a Literatura Infantil o educador perceberá situações da personalidade do aluno bem como seu comportamento individual em grupo, tais situações permitem ao professor um direcionamento para aplicação do seu trabalho pedagógico. (AMARAL, 2002).

As fantasias também são recursos para contar histórias, entretanto o contador



precisa tornar um pouco de cuidado, pois existem crianças que ficam com medo de alguns personagens como bruxas, macacos, palhaços, entre outros. Porém são interessantes recursos que o professor pode utilizar para enriquecer suas histórias na hora da contação. As fantasias como de monstros, bruxas, saci, cuca, podem ser usadas para um público de faixa de etária entre os 7 e 8 anos, as crianças nas idades pré-escolares são preferíveis fantasias mais leves como um chapéu, uma camisa florida ou um caipira, uma boneca, algo menos assustador.

Figura 3 – Fantasias apresentação Seu Lobato I UFMS/Semana da Literatura Infantil



Fonte: ELABORADO PELOS AUTORES, 2007.

Figura 4 – Quadro de pregas com TNT e EVA



Fonte: CONTAR E CONTAR PARA ENCANTAR, 2009.

O quadro de pregas é geralmente de forma retangular, em madeira, compensado, papelão ou metal. Normalmente cobre-se um dos lados do quadro com TNT, feltro, papel e vai contando-se as histórias e fixando as figuras. É um recurso onde o contador

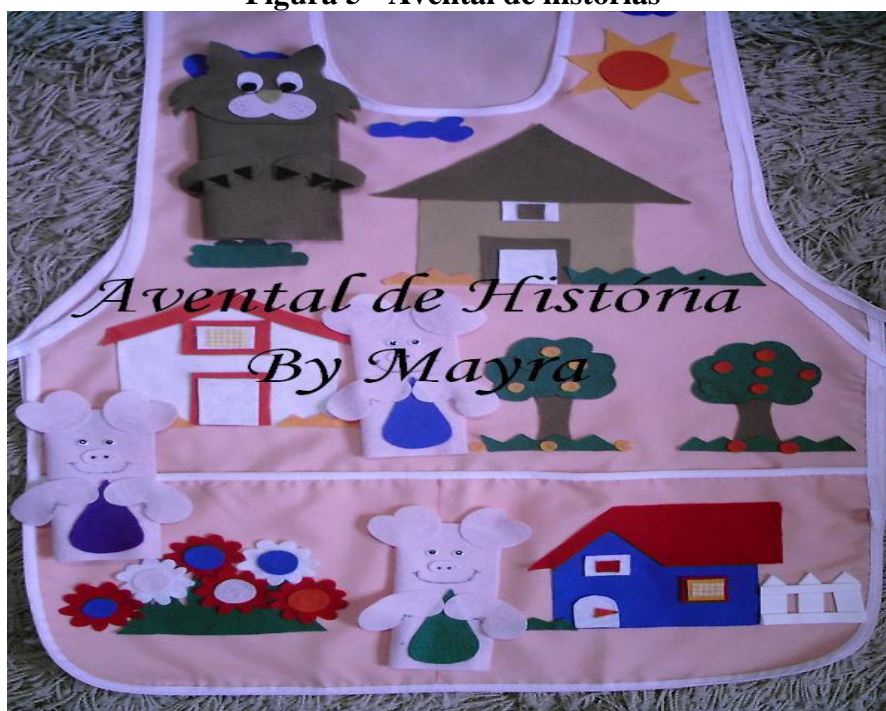


pode interagir com a plateia.

O cartaz de pregas ou quadro de pregas é um recurso visual versátil, de fácil confecção, pouco dispendioso e útil para o professor. Serve como suporte de informações, apresentando-as de maneira progressiva e dinâmica. Pode ser usado em qualquer área de ensino, inclusive no ensino da leitura e da escrita. (FERREIRA JUNIOR, 1995, p. 23).

A criança se encanta com as figuras que o professor pode utilizar no quadro de pregas ou cartaz de pregas para sua contação de histórias é importante que com o uso desse recurso o professor deixe o aluno interagir com a história.

Figura 5 - Avental de histórias



Fonte: JO E JU ARTE EDUCATIVA, 2009.

O avental de histórias é outro importante e educativo recurso para se trabalhar a arte de contar histórias, pois são feitos vários personagens e no avental é montado um mini cenário onde o contador de histórias veste o avental e vai contando para sua plateia toda história montada, é um recurso simples e pode ser feito dos mais variados tipos de materiais, como TNT, algodão, etc.



Figura 6 - Dramatização



Fonte: PREFEITURA DE AQUIDAUANA, 2009.

Figura 7 - Apresentação Sítio do Seu Lobato/UFMS



Fonte: ELABORADO PELOS AUTORES, 2007.

Para contar as histórias o professor deve usar também dramatizações tendo cuidado com os exageros, como gestos exagerados ou roupas muito chamativas, pois a criança acaba prestando mais atenção no figurino do que na história propriamente dita. O ideal é que o e que o professor/contador trabalhe as dramatizações com as crianças após ter contado a história, e criar uma pequena peça para que seus alunos sejam os protagonistas.

A criança aprende atuando, motivo pela qual é fundamental que o professor lhe ofereça oportunidades de atuação. [...] Os jogos dramáticos ainda dão a criança uma chance real de brincar com outras formas de ser e agir, possibilitando a formação da identidade e mostram na prática, a importância dos valores, as consequências das atitudes e, acima de tudo desenvolvem a cooperação e a habilidade no trabalho em grupo. (CORTEZ, 2007, p. 78).



Portanto, percebemos que o “mundo” da Literatura Infantil e da arte de contar histórias é farto em recursos e depende de cada educador aplica-los sua práxis para que suas aulas sejam mais dinâmicas e significativas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Literatura Infantil brasileira é “riquíssima” em histórias e obras que podem levar qualquer leitor ao deleite, porém, faltam nas escolas métodos atrativos para formarem esses “bons” leitores que terão apressos pela Literatura Infantil. Para o professor/contador de histórias levar diferentes recursos para sala de aula não é uma tarefa fácil, pois necessita pesquisa, dedicação e interesse, porém para que aconteça a educação lúdica, interdisciplinar e significativa necessita-se de ideias novas também, e saber que o professor precisa ensinar o que aprende e aprender com o que ensina.

Com isso é imprescindível que o professor/contador de histórias tenha conhecimento de todos os benefícios desta metodologia para o desenvolvimento infantil, e saiba utilizá-la adequadamente na sala de aula, no ensino e na aprendizagem dos educandos.

Portanto os recursos promovem uma metodologia mais dinâmica e significativa na medida em que explora os elementos impregnados no contexto onde estão sendo explorados, proporcionando um ensinar/aprender significativo e eficaz.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, F. **Literatura Infantil**. Disponível em: <<http://www.mre.gov.br/CDBRASIL/ITAMARATY/WEB/port/artecult/literat/litinf/apresent.htm>>. Acesso em: 12 nov. 2013.

ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1989.

ALVES, V. O. **O conceito de Literatura Infantil**. 2004. Disponível em: <<http://www.sitedeliteratura.com/infantil.htm>>. Acesso em: 12 nov. 2013.

AMARAL, A. M. **O ator e seus duplos: máscaras, bonecos, objetos**. São Paulo: Senac, 2002.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**/Secretaria de Educação. Brasília: MEC/SEF, 1997.



CARVALHO Michelly Veloso de. **O fantoche enquanto ferramenta na contação de histórias.** Disponível em: <<http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=1432>>. Acesso em: 07 jun. 2014.

CONTAR E CONTAR PARA ENCANTAR. **Quadro de pregas com TNT e EVA.** 2009. Disponível em: <<http://www.contarecontarparaencantar.blogspot.com>>. Acesso em: 12 maio 2011.

FERREIRA, O. M. de C.; JUNIOR, P. D. da S. **Recursos audiovisuais para o ensino.** São Paulo: EPU, 1995.

JO E JU ARTE EDUCATIVA. Avental de histórias. 2009. Disponível em: <<http://www.joejuarteeducativa.blogspot.com>>. Acesso em: 5 abr. 2011.

KIECKHOEFEL. L. **Literatura Infantil e a formação de leitores.** Disponível em <<http://br.geocities.com/ciberliteratura/literinfantil/leomar.htm>>. Acesso em: 07 jun. 2014.

LAJOLO, M.; ZILBERMAN R. **Literatura Infantil brasileira história e historias.** 2. ed. São Paulo: Ática, 1985.

LUBBA, A. **Contar histórias: uma arte dos dias de ontem para revitalizar os recursos humanos de hoje.** Disponível em: <<http://www.sab.org.br/contar/2006>>. Acesso em: 09 maio 2008.

OLIVEIRA, C. M. de. **“A literatura Infantil”.** Disponível em: <<http://www.graudez.com.br/litinf/origens/htm>>. Acesso em: 19 out. 2013.

PREFEITURA DE AQUIDAUANA. Galeria de fotos. **Dramatização.** 2009. Disponível em: <http://www.aquidauana.ms.gov.br/listar_galerias_foto.php>. Acesso em: 10 abr. 2011.

SILVA, M. B. C. da. **Contar histórias uma arte sem idade.** 10. ed. São Paulo: Ática, 2002.

TAHAN, M. **A arte de ler e contar histórias.** 2. ed. Rio de Janeiro: Conquista, 1961.

TERRA, E. et al. **Gramática, literatura e Produção de Textos.** 2. ed. São Paulo; Scipione, 2002.

WIKIPÉDIA. **Livro Reinações de Narizinho.** 2009. Disponível em: <<http://www.wikipedia.com>>. Acesso em: 10 abr. 2011.

SANCHES, Glaucimar Carlos; FERREIRA, Franchys Marizethe Nascimento Santana. Professor/contador de historias buscando possibilidades para uma aprendizagem lúdica. **Revista Diálogos Interdisciplinares - GEPFIP**, Aquidauana, v. 1, n. 1, p. 207-221, out. 2014.